

O Modelo reduzido da barragem dos Pequenos Libombos, em estudo no Laboratório de Engenharia de Moçambique, a partir de 1980.
As Directivas Económicas do III Congresso prevêm a construção desta barragem a partir de 1980

EM MAPUTO

CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DOS PEQUENOS LIBOMBOS SOLUCIONARÁ PROBLEMA DA FALTA DE ÁGUA

- Estudo em modelo reduzido decorre no LEM
- O sistema até hoje utilizado funciona desde o século passado

Decorre no Laboratório de Engenharia de Moçambique, o estudo da construção em modelo reduzido, da barragem dos Pequenos Libombos, cuja materialização permitirá pôr fim ao problema enfrentado no abastecimento de água à capital do País. A falta desta barragem aliada a outros factores, vai fazer com que mais uma vez falte água no próximo verão. Esta situação é também consequência da incapacidade e mau estado do sistema de abastecimento de água que serve esta região. Basta só notar que o referido sistema de abastecimento entrou em funcionamento no século passado e é hoje constituído por uma série de órgãos hidráulicos instalados em épocas diferentes, alguns dos quais se encontram bastante deteriorados. Esta é outra pesada herança colonial que temos de enfrentar.

Todavia, prevê-se para um futuro breve a instalação de fontenários com o recurso à captação de água subterrânea. Para o efeito, foram já iniciados estudos para a instalação de furos para o abastecimento dos bairros de Maxaquene-Canico, Polana-Canico, Mahotas, Congolote, Zona Verde do Benfica e Nhagóie. Por outro lado, está já programado que, por iniciativa do Serviço Provincial de Águas se venham a efectivar medidas de beneficiação dos poços que são utilizados pela população e que não oferecem um mínimo de condições de sanidade.

O SISTEMA QUE HOJE UTILIZAMOS DEVIA TER SIDO REMODELADO EM 72

Importa no entanto, referir que haviam sido projectadas novas obras de abastecimento de água, durante o regime colonial, que iriam assegurar, numa primeira fase um caudal de 6 000 metros cúbicos e numa segunda fase um caudal de 12 000 metros cúbicos por hora. Segundo as previsões então feitas a primeira fase de obras deveria satisfazer os consumos até ao ano de 1985 e a segunda fase até ao ano 2 000. Simplesmente essas obras que deveriam ter entrado em funcionamento em 1972, nunca chegaram a concretizar-se.

De acordo com informações obtidas junto da Direcção Nacional de Águas, a situação actual, a este nível, resume-se simplesmente na utilização de um sistema de abastecimento de água que, para além de servir apenas cerca de um quarto da população da capital, se encontra em fãõ mau estado que já deveria ter sido praticamente todo substituído em 1972. Por outro lado, após a tomada do poder pelo Povo, verificou-se naquele sector, fuga da maior parte dos técnicos que se encontravam no serviço de exploração, aliás a título de exemplo um responsável da Direcção Nacional de Águas diria que nenhum dos engenheiros que lá trabalhavam permaneceu no País. «Aqui é de salientar a dedicação dos trabalhadores do Serviço de Água da Electricidade de Moçambique, entidade que transi-

investimentos a realizar ultrapassam um milhão de contos. Contudo, com o apoio do Ministério das Finanças têm estado a ser feitas as diligências necessárias para obtenção do respectivo financiamento exterior».

A ÁGUA DO INCOMATI

Recorde-se que chegou a colocar-se a hipótese de ir buscar água ao Incomati, argu-

(Continua na Página 8)

(Continuado da página 2)

mentando os defensores desta ideia que desse modo se tornaria desnecessária a construção de uma barragem e que além disso, se pouparia no consumo de energia eléctrica para bombagem da água. No entanto, devido à crescente utilização da água da Incomati pela África do Sul, os caudais de estiagem são já pequenos que qualquer aproveitamento que se quisesse fazer das águas desse rio implicaria necessariamente a construção também de uma barragem.

PERSPECTIVAS EXISTENTES

A solução que está prevista pela Direcção Nacional de Águas, para o abastecimento de água a Maputo é de continuar a manter o rio Umbelúzi como origem, muito embora a captação da água se venha a fazer em local a jusante do actual, na zona de Campoane, mais perto da cidade. Isso implicará a construção de uma nova estação de tratamento de uma nova conduta com cerca de 22 km de comprimento e diâmetro de 1400 milímetros que funcionará em paralelo com a actual que tem um diâmetro de 800 milímetros.

Com a extensão da rede de distribuição aos bairros actualmente desprovidos, os consumos irão subir grandemente o caudal do Umbelúzi em anos de seca tornar-se-á insuficiente. Para obviar a esta inconveniente será necessário construir-se a barragem dos Pequenos Libombos, perto de Boane, cujo estu-

do em modelo reduzido está a decorrer no Laboratório de Engenharia de Moçambique. As Directivas Económicas do III Congresso prevêem o início da construção desta barragem em 1980.

Por outro lado, soubemos que a albufeira terá uma capacidade de 450 milhões de metros cúbicos, o que não só permitirá armazenar água para abastecimento de Maputo, mas também ampliar a área de rega no Vale do Umbelúzi para um total de cerca de 10 000 hectares.

Para se tirar o máximo proveito do sistema de distribuição de água existente, aguarda-se a vinda de um técnico para instruir o pessoal da exploração de modo a que a instalação possa trabalhar sempre com o máximo de rendimento possível. Existe por outro lado, a hipótese de se ampliar a estação de tratamento existente, no entanto a decisão quanto a esta possibilidade terá de ser bem ponderada, pois as instalações actuais encontram-se em tão mau estado que se prevê também o seu abandono quando vier a ser construída a nova estação em Campoane.

Ainda dentro da ideia de se tirar o maior proveito do sistema até ao momento utilizado, vai instalar-se uma bomba na zona da Matola, que fará subir a pressão na conduta adutora e consequentemente a sua capacidade de transporte.

NA EPOCA DE CARENCIA DEVEMOS GASTAR O ESSENCIAL

No entanto, as perspectivas existentes não vão evitar a falta de água no próximo verão. Deste modo foi-nos dada a conhecer a existência de um plano de racionamento da água, que visa evitar a sua carência em determinados sectores da nossa vida nomeadamente, hospitais, indústrias alimentares, entre outros.

A falta de água também poderá vir a afectar algumas zonas, quando da ocorrência de roturas, pois essas zonas terão de ser isoladas para permitir a respectiva reparação.

«Isto aliás é o que tem vindo a acontecer porque a maior parte da rede de distribuição encontra-se em mau estado. Numa época em que há carência de água, deverá haver austeridade nos consumos, sobretudo nos períodos em que é necessário fazer restrições ao consumo gastando-se apenas o essencial».